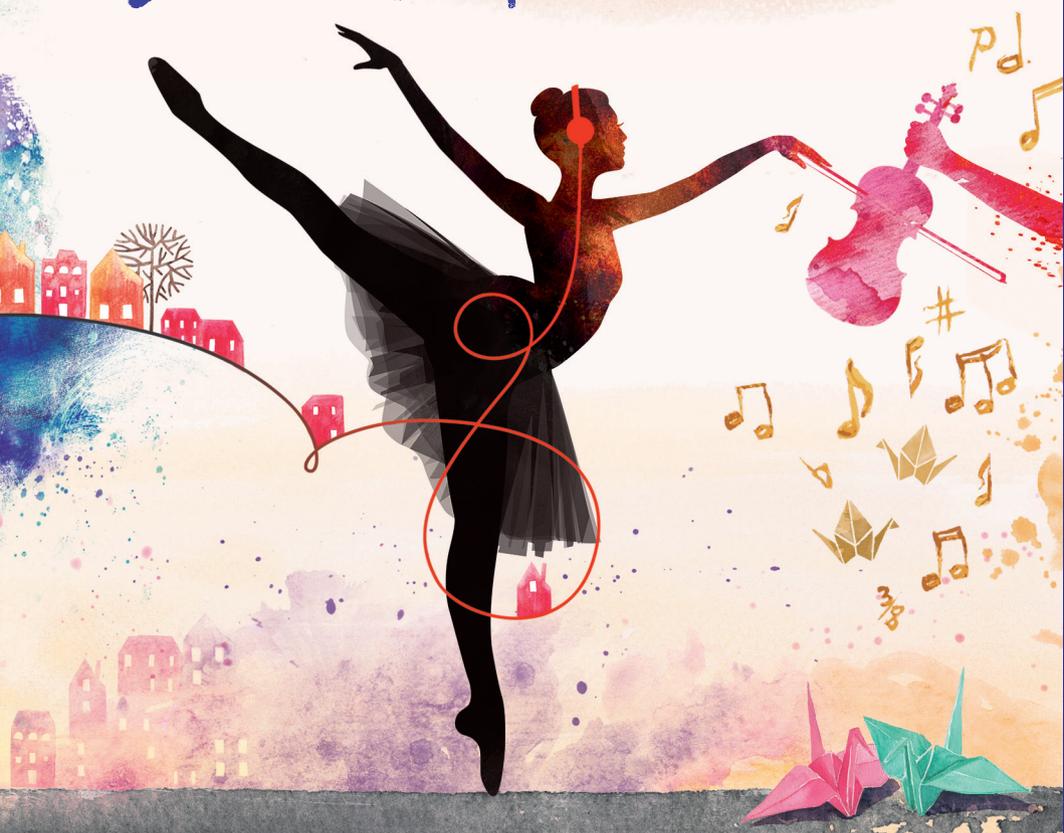


De uma das autoras de *Um ano inesquecível*

BABI DEWET



ALLEGRO EM HIP-HOP



SÉRIE CIDADE DA MÚSICA

 GUTENBERG

BABI DEWET



ALLEGRO
EM HIP-HOP

Copyright © 2018 Babi Dewet
Copyright © 2018 Editora Gutenberg

Todos os direitos reservados pela Editora Gutenberg. Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida, seja por meios mecânicos, eletrônicos, seja via cópia xerográfica, sem a autorização prévia da Editora.

EDITORA
Silvia Tocci Masini

EDITORA ASSISTENTE
Carol Christo

ASSISTENTE EDITORIAL
Andresa Vidal Vilchenski

PREPARAÇÃO
Carol Christo
Jim Anotsu

REVISÃO
Mariana Faria
Samira Vilela

REVISÃO FINAL
Andresa Vidal Vilchenski
Silvia Tocci Masini

CAPA
Diogo Droschi

DIAGRAMAÇÃO
Larissa Carvalho Mazzoni

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Dewet, Babi
Allegro em hip-hop / Babi Dewet. -- 1. ed. -- Belo Horizonte :
Gutenberg Editora, 2018. (Série Cidade da Música)

ISBN 978-85-8235-533-6

1. Ficção brasileira 2. Ficção - Literatura juvenil I. Título. II. Série.

18-18275

CDD-869.3

Índices para catálogo sistemático:
1. Ficção : Literatura brasileira 869.3

Maria Paula C. Riyuzo - Bibliotecária - CRB-8/7639

A **GUTENBERG** É UMA EDITORA DO **GRUPO AUTÊNTICA** 

São Paulo

Av. Paulista, 2.073,
Conjunto Nacional, Horsa I
23º andar . Conj. 2310 – 2312
Cerqueira César . 01311-940
São Paulo . SP
Tel.: (55 11) 3034 4468

Belo Horizonte

Rua Carlos Turner, 420
Silveira . 31140-520
Belo Horizonte . MG
Tel.: (55 31) 3465 4500

Rio de Janeiro

Rua Debret, 23, sala 401
Centro . 20030-080
Rio de Janeiro . RJ
Tel.: (55 21) 3179 1975

www.editoragutenberg.com.br



*As manhãs virão novamente
Porque nenhuma escuridão, nenhuma estação
Pode durar para sempre.
BTS – “Spring Day”*

Para você que, assim como eu, sofre de ansiedade e não dorme direito, pensando em tudo o que deveria ter feito: a gente vai ficar bem! Tenho certeza de que você fez o melhor que podia, e isso já o torna alguém mais do que incrível! Amanhã será um dia melhor.



PRÓLOGO

A vida, para algumas pessoas, pode ser como uma orquestra, cheia de instrumentos que compõem uma mesma música. Para outras, é como um número de dança. Pode ser coreografado, como uma rotina, cheia de altos e baixos, objetivos e expectativas, em que você sabe o começo, o meio e o fim. Ou pode ser livre, sem pensar no movimento seguinte, só deixando o corpo se mover e viver, com ou sem medo, entre erros e acertos, seja guiada pelo ritmo ou pela melodia.

O que importa é seguir em frente, sempre. Ao vivo, não existe pausa nem *playback*. É só você, o palco, seu corpo e a música. A plateia é só parte do seu show, não a protagonista.

Afinal de contas, por que você seria parte de um grupo de bailarinos se pode fazer o solo da sua vida?

AS QUATRO ESTAÇÕES

(VIVALDI)

Tombé, pas de bourrée, glissade, pas de chat! Tombé, pas de bourrée, glissade, pas de chat! Tombé, pas de bourrée, glissade, pas de chat.

– Acho que isso tudo é falta de namorado, Mila-chan.

– Pode ficar quieta? Estou tentando me concentrar! – Mila respirou fundo, virando-se para o espelho e endireitando a coluna. Mexeu as mãos para liberar a tensão que cada erro trazia, porque era difícil não achar que tudo estava uma porcaria. Abriu os braços em um movimento lento e, prendendo a respiração, deu impulso para girar. Girou uma, duas vezes... No terceiro giro, quando ia fazer o *developé*, perdeu o equilíbrio. Pousou os dois pés no chão, decepcionada.

– Já disse. *Namorado*. Sabe? Sexo oposto? Ou mesmo sexo, se quiser! Minhas mãos estão aí pra provar que qualquer relacionamento pode dar certo! Menos o daquele casal que a gente viu na quinta-feira do lado de fora do refeitório, eles brigavam muito...

– Clara riu, alongando as pernas, sentada em um canto da sala que estaria vazia se não fosse pelas duas garotas. Já eram onze da noite, e a maior parte dos bailarinos e músicos já estava de volta aos dormitórios ou em salas de ensaio privadas – o que não era exatamente dentro das regras da Academia Margareth Vilela, mas o toque de recolher nem sempre era tão rigoroso.

– O que preciso é de concentração! O objetivo são os 32 *fouettés*, não é nada que muitas bailarinas já não tenham feito, certo?

– Nunca vi ninguém fazer ao vivo. Acho que só no YouTube. Talvez a Pierina Legnani em alguns momentos da história, mas você sabe que ela provavelmente não era um ser humano.

– Ela é minha musa e sei que você tem razão, mas mesmo assim...

– Talvez se você não prender a respiração? – Clara sugeriu, erguendo as sobrancelhas como se tivesse tido uma grande ideia. Mila encarou a amiga de cabelos curtos quase raspados e sorriu, mostrando os dentes. – Esse sorriso diabólico é boa coisa ou você vai me matar?

– Você é um gênio! – Mila se posicionou de novo na frente do espelho, ainda sorrindo, e um pouco mais confiante. Antes de girar, olhou para Clara com o indicador apontado para ela. – Mas a resposta certa nunca é *namorado*.



As duas amigas caminhavam em silêncio pelo corredor vazio do prédio de aulas do conservatório. O local era todo branco, com chão reluzente e pôsteres de apresentações, propagandas de orquestras e frases motivacionais pregados nas paredes. Tudo muito bonito, limpo e arrogante. Mas as duas não reparavam em nada disso, caminhando devagar com fones nos ouvidos. Cada uma escutava uma playlist, apenas sentindo a presença uma da outra, como costumava ser com elas. Enquanto Mila continuava ouvindo repetidamente o trecho do solo de Odile, de *O Lago dos Cisnes*, composto por Tchaikovsky – que era basicamente seu compositor favorito de todos os tempos –, Clara ouvia uma seleção de hits atuais, na qual The Weeknd era, definitivamente, seu artista favorito. Ou talvez Harry Styles, embora elas debatessem sobre o fato de que Mila não conseguia achar nada excepcional nele como músico, fora uma ou duas canções. Isso sempre causava atrito e gritaria entre elas. O prédio estava gelado pelo ar-condicionado central, fazendo com que as duas apertassem os casacos contra o corpo.

Aquele era o maior conservatório de música clássica do país e, agora, depois de alguns anos de trocas de experiências, também de balé. Era uma novidade no Brasil e elas estavam bem ali, no olho do furacão, no centro de tudo isso. Todos os olhos estavam voltados para as pequenas turmas de balé de Margareth Vilela, e todo mundo queria fazer cursos, workshops e apresentar recitais. Professores do mundo todo queriam dar aulas ali.

O conservatório ficava no Rio de Janeiro, no alto da Serra, em uma pequena cidade chamada Vilela, que tinha crescido em volta do conservatório e, por isso, era bem diferente do calor infernal a que Clara estava acostumada em Fortaleza, sua casa. Já Mila entendia exatamente o frio que estava fazendo naquela noite, porque os dezoito anos em que morou em São Paulo – ou seja, toda sua vida – a tinham preparado para isso. Para dias ensolarados e noites congelantes. Para chuvas finas sem explicação e momentos tão abafados que dava vontade de se jogar no chão das salas de aula, mesmo que isso pudesse estragar a meia calça. Esse fato, na verdade, acontecia com frequência, embora toda bailarina tivesse milhares de meias de todos os tipos e para todas as ocasiões. Ninguém era obrigado a ter a perna lisa e perfeita o tempo todo.

A verdade era que Mila amava tudo naquela vida de bailarina. Amava as meias rasgadas pelas aulas de dança contemporânea; os moletons finos e muito caros com o símbolo de Margareth Vilela, que era um item da moda para os alunos (embora um pouco brega, na opinião dela); as mudanças de temperatura que traziam a lembrança e o cheiro de casa; e até o trajeto que fazia todos os dias, do prédio de dormitórios para o de aulas, porque no fundo adorava sua rotina. Sentia-se segura com ela. E, apesar de São Paulo ser sua grande paixão, ela tinha o sonho de dançar balé na The Royal Ballet, a famosa academia de Londres que era casa de muitos dos seus ídolos. Desde pequena colecionava pôsteres e cartões-postais de lá, acompanhava as apresentações e vídeos online. Provavelmente tentaria, em um futuro distante, uma audição para a grande Bolshoi em Moscou, porque ela tinha um plano. Um plano que era basicamente a única coisa que conhecia em toda sua vida. Um plano que tinha sido traçado para ela

desde pequena, com toda a pressão de sua família descendente de japoneses e todos aqueles comentários de “batalhamos para te dar oportunidades que nunca tivemos” – os quais, ela precisava admitir, eram uma grande pressão psicológica e faziam com que sempre quisesse ser a melhor de todas. Um plano que a colocava exatamente onde estava naquele momento, ensaiando até quase meia-noite para acordar, no dia seguinte, às 6 horas da manhã e começar tudo de novo.

– Camila? Tá me ouvindo? – Clara chamou a atenção da amiga enquanto esperavam o elevador do prédio de dormitórios. Era raro falar o nome dela de verdade, pois tinha dado o apelido de Mila para a amiga (ou Mila-chan, uma piada interna entre as duas, embora Mila achasse esquisito demais). Achavam que “Camila” era muito sério para uma garota tão delicada quanto ela, e o apelido acabou sendo imitado por quase todo mundo da turma delas. Sem falar que ainda era uma homenagem a uma música de axé dos anos 1990, que Clara amava cantar só para irritar a outra. Todo mundo, não importava a idade, sabia que música era essa.

– Oi? Você disse alguma coisa? – Mila piscou com os cílios compridos que tinha ganhado na loteria genética, e tirou os fones de ouvido. Estava distraída pensando sobre o plano da sua família e todas essas coisas que nunca saíam da cabeça dela.

– Estou pensando em comprar um colo de pé falso, porque ficou bem bonito na Giulia, você viu?

– Vi! Ela realmente precisava, mas o seu pé é tão bom! – As duas entraram juntas no elevador, com Clara fazendo uma careta, confusa. Mila tinha essa mania de viajar na maionese e falar coisas que só faziam sentido dentro da cabeça dela. – Não que o pé dela fosse feio, não era. Não é. E dizer que o seu é “bom” foi um elogio. Você me entendeu.

– Não entendi nada. Sua cabeça está em outro lugar, né? É o solo? Não se preocupe com isso, Mila. Vai dar tudo certo! Você é uma das melhores bailarinas da Margareth Vilela, o próprio Kim Pak disse isso mês passado, lembra?

– Uau, dizer pra não me preocupar basicamente acabou com a preocupação! – As duas fizeram caretas juntas. – E a opinião do

filho prodígio da diretora sinceramente não me importa. – Mila revirou os olhos, juntando os fios dos fones de ouvido e guardando tudo em sua enorme bolsa de lona. Ela tinha noção de que precisava colocá-los na bolsinha interna, ou seria difícil de achar depois, como costumava acontecer. Bolsa de bailarina era sempre recheada de roupas, meias, sapatilhas, esparadrapos e remédios, uma bagunça e um total clichê.

– Mas ele é o cara mais bonito do mundo! – Clara sorriu, como se aquela informação mudasse tudo. Assim que o elevador parou no andar, a amiga soltou os cabelos e seguiu em frente, ignorando o que ela disse. – Você deveria raspar os cabelos como eu fiz. É uma mão na roda na hora de dançar, te digo isso.

– Se eu raspar os cabelos, minha família me deserda.

– Eles não têm nada pra você herdar.

– E o grande conhecimento milenar da família Takahashi?

– Mila sorriu, parando em frente à porta do seu dormitório. Clara deu um beijo na bochecha da amiga e continuou andando para o corredor seguinte. – Amanhã de manhã vou pra academia, mas te encontro às nove no refeitório?

– Pra te ver comendo maçã com ar novamente? Não perderia por nada! – As duas riram, ouvindo o celular de Mila tocar de repente.

– *Moshi Moshi*, mãe! – Ela atendeu o telefone com a voz cansada, acenando para Clara, que seguia para o próximo corredor. Era uma pena que elas não tivessem sido colocadas no mesmo quarto, seria bem mais divertido do que dividi-lo com alguém totalmente desconhecido. Mila não gostava muito do que não conhecia, sempre ficava nervosa demais.

– Sabe que eu não gosto de ficar até essa hora sem ter notícia sua – a mãe respondeu, séria.

– *Hai, Gomen ne*, me desculpa. Hoje foi um dia muito cheio.

“E já tenho 18 anos, não preciso dar notícias de tudo que eu faço”, ela queria dizer. Mas se conteve em respirar fundo, concordar e ouvir tudo que sua mãe tinha para falar porque era sempre o caminho mais fácil. Apoiou o celular no ombro enquanto abria a porta do dormitório e ficou levemente irritada com a bagunça

da sala comunal, que tinha um tapete azul marinho e paredes brancas sem graxa.

– A minha *roommate* deixou tudo jogado por aqui, a TV está ligada, tem caixa de pizza virada no sofá e o cheiro de gordura é enjoativo!

– Não gosto dessa garota. Ela acha que está aí para se divertir? Quem são os pais dela?

Mila ignorou toda a bagunça, como sempre fazia, se fechou no quarto e sentou na cama, exausta, ouvindo a mãe reclamar de pessoas que iam para grandes escolas e perdiam tempo em festas ou se divertindo – como parecia ser o caso da Valéria, sua *roommate* que estudava oboé, ou de quase todo mundo. Mila só queria tomar um banho e dormir, mas conversar com a mãe era muito importante e ela não podia simplesmente ignorar. Literalmente, porque sua mãe nunca a deixaria desligar o telefone com uma desculpa qualquer. Tirou as sapatilhas de ponta favoritas da bolsa e as esticou na cama ao seu lado, procurando por fios soltos e buracos no elástico que pudesse costurar mais tarde. Observou como estavam ficando surradas, embora de alguma forma parecessem ainda mais bonitas.

Sorriu sozinha, passando os dedos no tecido. Aquilo era tudo que ela conhecia na vida. Tinha começado a dançar balé muito nova, enquanto a irmã tinha crescido em orquestras de música clássica. Sua casa era repleta de sons, de Mozart à música contemporânea, e isso era algo que Mila tinha aprendido a amar com todas as forças. Acordar antes das seis da manhã, abrir as janelas, sentir o ar fresco no rosto, colocar Tchaikovsky para tocar, e dançar. Dançar até as pernas doerem, até os dedos calejarem, até seu ouvido zunir com os sons da própria cabeça contando e recontando os movimentos, até sonhar com tudo isso e acordar para fazer tudo de novo. Mila tinha nascido para ser a melhor e não seria nada menos do que isso.

– Lembra da garota mais alta que estudava com você na Academia de Ballet de São Paulo? – sua mãe perguntou. Ela gostava de repetir o nome inteiro da escola onde Mila estudou antes da Margareth Vilela. Devia fazer a mesma coisa agora para

seus amigos da igreja, contando onde a filha estava e se gabando disso. Mães eram sempre iguais nesse quesito.

– Alice. Ela era extremamente talentosa.

– Não mais do que você é, claro. Ela passou em uma audição para um ano de estudo complementar na The Royal Ballet School. Acredita nisso? Com o solo da Odile de *O Lago dos Cisnes*!

Bendito solo da Odile. Era tudo que Mila precisava treinar se quisesse ter alguma chance de conseguir o solo principal da apresentação da turma do avançado no meio do ano, que era a mais importante de todas naquele momento. Era seu segundo semestre ali e ela sabia que estaria competindo com algumas das melhores bailarinas do país, que dividiam diariamente as salas de aula e as turmas avançadas. Seria concorrido. Ouviu sua mãe reclamar de como ela precisava se esforçar mais e alguns minutos depois desligou o telefone, prometendo dormir só depois que o *fouetté* estivesse perfeito. Como se isso fosse acontecer de uma hora para a outra. *Spoiler: não iria*. Olhou-se no espelho do quarto, que ficava ao lado da cama e pegava seu corpo todo, endireitando a coluna e prendendo os cabelos pretos e compridos. Eram tão lisos e pesados que Mila precisava usar grampos para segurar no coque. Odiava isso, incomodava e machucava o couro cabeludo. Respirou fundo, ligou a música baixinho no celular para não atrapalhar o sono da *roommate*, e por mais duas horas deixou-se dançar da forma como gostaria de fazer o dia inteiro. Mesmo sem o *fouetté* perfeito. Mesmo sem os 32 giros.



O despertador tocou e Mila levou alguns minutos para se sentar na cama, que estava superquente e aconchegante com um cobertor rosa de pelos sintéticos. Sonolenta, pegou algumas roupas e foi para o banheiro tentar despertar depois de quatro míseras horas de sono. Não era o ideal, mas era o que tinha no momento. “Pelo menos consegui dormir”, ela repetia para si mesma. Ultimamente, até isso se tornara algo difícil de fazer com a bagunça que estava sua cabeça.

Enquanto tomava banho, ouviu uma batida insistente na porta do banheiro. Revirou os olhos e respirou fundo, mexendo o calcanhar debaixo da água quente para amenizar a dor que tinha sentido na noite anterior. Era sempre no bendito pé direito. Talvez precisasse visitar a enfermaria novamente para conseguir alguns analgésicos. Não queria voltar para o fisioterapeuta do conservatório, ele tinha as mãos geladas e o hálito esquisito.

– Vai demorar muito, bailarina? Vou fazer xixi na calça! – Valéria gritou do lado de fora. Ficava irritada de sempre precisar usar o banheiro de manhã cedo, quando, pontualmente, a outra estava tomando banho. Quase comprou um penico para deixar no quarto, mas desistiu porque sabia que não teria coragem de limpá-lo. – Sei que naquela música famosa dizem que bailarinas não têm remela, piolho, problemas na família e, o que era mesmo? Namorado?

Ouvindo a garota cantar “Ciranda da Bailarina”, da Adriana Calcanhoto, Mila desligou o chuveiro, bufando, se enrolou na toalha e se apressou para sair do banheiro com as roupas nas mãos, pronta para se trocar no quarto, tentando ao máximo não pingar água pelo chão. Sabia que Valéria preferia que ela deixasse a porta destrancada, assim poderia entrar tranquilamente para usar quando precisasse, só que Mila não tinha a menor vontade de ficar pelada na frente de ninguém. Passou por Valéria, que esfregava os olhos, sonolenta, sorrindo triunfante e parando de cantar.

– Vai de novo pra academia a essa hora? Você não acha que é coisa demais para o seu corpo pequenininho aguentar? Você tem o quê? Um metro e sessenta?

– Um metro e sessenta e três, não sou tão pequena assim – Mila disse, sorrindo de forma engraçada para Valéria. Mostrou as roupas da academia que estavam presas debaixo do braço. – Eu só tenho esse horário pra malhar e fazer cardio, acha que já não tentei em outros momentos do dia?

– Ah, eu acho que tentou! – Valéria sorriu, irônica, entrando no banheiro. – Você tenta demais, é basicamente isso. Espero que não fique doente ou sei lá.

– A música não diz que bailarinas não ficam doentes? – Mila disse baixinho, vendo Valéria começar a fazer xixi sem nem mesmo

fechar a porta. Ela correu para se trancar no quarto e terminou de se secar, encarando o espelho. Ela não era pequena! Pesava 47 quilos, o que era perfeitamente normal para quem fazia tanto exercício. Eram horas de academia, depois aulas diversas, ensaios e recitais. Valéria não teria como entender. Ela vivia presa no quarto tocando oboé como se as paredes fossem à prova de som. Mas não eram.

Respirou fundo, trocando de roupa e colocando os fones de ouvido antes de sair do dormitório. Na playlist, Vivaldi era o que servia para animar o dia e clarear a cabeça. Ela amava concertos para violinos, eram sempre tão sentimentais, e os de Vivaldi, particularmente expressivos, além de simples! Tinha coisa melhor? No corredor, se pegou sorrindo e recriando mentalmente alguns passos de dança, que ela mesma inventava para as músicas. Não estava nem aí se as pessoas a encaravam quando ela passava. Sempre imaginava estar em um videoclipe, no qual o conservatório era o set e todos olhariam para ela caso errasse alguma coisa. Por incrível que parecesse, gostava daquele sentimento. Ela se sentia viva.